

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: HERÓI OU VILÃO?

Virginia de Lourdes Gomes Alves¹
Ana Karolina Nascimento da Silva²
Maria do Rosário Gomes Germano Maciel³

RESUMO

O livro didático constitui-se em um recurso importante para o processo de ensino e aprendizagem. Porém, há quem acredite que seja ele um vilão, uma vez que pode limitar o processo de apreensão dos conhecimentos que são trabalhados em sala de aula. Amado por uns e odiado por outros, ele ainda segue ocupando espaço nas salas de aula a fora. Sendo assim, esse artigo faz uma análise do livro didático de história do 5º ano, da coleção Ápis publicado pela Editora Ática, o qual é usado nas escolas da rede municipal de Campina Grande/PB. Para tal, dividimos nosso trabalho em três momentos. No primeiro, fazemos a apresentação geral do livro, identificando os dados da obra e as possíveis teorias historiográficas que norteiam o ensino de história. No segundo, fazemos uma análise das propostas metodológicas adotadas, dos conceitos históricos e de documentos históricos escritos e não escritos que são trabalhados. No terceiro e último, discutimos de forma mais aprofundada o capítulo 4 “Lutar pela Cidadania”, na tentativa de conhecer se o livro Ápis de história contribui para a formação de sujeitos participativos, ativos, solidários e críticos. Teoricamente nos fundamentamos nas contribuições de Azevedo, Stamatto (2010); Junior, (2019). Portanto, acreditamos que o livro Ápis traz discussões relevantes para o ensino de história e oportuniza ao(a) professor(a) ir além dessas possibilidades, tendo a compreensão que o livro é uma das ferramentas que contribui para o aprofundamento dos conteúdos.

Palavras-chave: Livro Didático, Ensino, História, Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

Há quem diga que o livro didático pode ser um recurso importante no processo de ensino e aprendizagem, como também há quem acredite que ele seja vilão desse mesmo processo, e para esses, o discurso é que seria ele (o livro) um fator limitante. Já para muitos outros, ele nem é mais um problema, considerando a disponibilidade de recursos e todas as discussões construídas sobre a eficácia e atratividade de tantos outros recursos, de modo que já foi tão demonizado que se tornou irrelevante falar sobre. Independente de nossas opiniões pessoais sobre o tema, resolvemos fazer uma análise do Livro Didático de História do 5º ano

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, virginialourdesalves@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, karolinnascimento1@gmail.com;

³ Professor orientador: Doutora em Educação, Universidade Federal da Paraíba - UFPB rosario21germano@servidor.uepb.edu.br.

da coleção Ápis publicado pela Editora Ática, o qual é adotado nas escolas da rede municipal de Campina Grande/PB.

Explicitamos que a nossa motivação individual ia muito além, uma vez que sabíamos, primeiramente, o quão significativo a atividade seria em nossa formação inicial, considerando a falta de espaço que ampliem uma reflexão sobre o nosso papel em relação ao recursos, sem colocá-lo diretamente como a raiz de um problema. Se o espaço nos permite esse parênteses, gostaria de dividir com os leitores uma experiência particular, conheço alguém que se apaixonou por Anne Frank depois ler um fragmento de seu diário em seu livro didático, o texto servia de apoio para uma discussão maior sobre a segunda guerra, essa menina por acaso é uma das autoras desse trabalho, e é a essa menina de cidadezinha pequena de um interior qualquer que morava em uma zona rural, que não tinha uma biblioteca e nem livraria próxima de sua casa, diríamos que aprendizagem também “passa por aquilo que nos toca, e nos faz sentir (JUNIOR 2019, p.170)”, para ela (a menina), tanto faz saber quem ganhou a guerra, o que importava era vínculo de empatia que a ligava a Anne Frank.

Assim como Junior (2019, p. 171), acreditamos que extrair sentido, é sim, um grande desafio para qualquer professor(a), seja ele(a) professor(a) de história ou de matemática e isso exige “[...] combater aulas enfadonhas, pautadas na repetição de história contadas e não imaginadas. Exige lutar contra velhas práticas de perguntas e respostas, ou de que o livro didático é a única fonte possível de ser utilizada em sala de aula”, no entanto, indo por uma mão contrária, acreditamos que isso seja possível fazê-lo utilizando o livro, sem sucumbir ao engessamento das verdades absolutas, o(a) professor(a) pode sugerir a discussão de um conteúdo buscando sentidos a partir daquilo que o(a) aluno(a) compreende, imagina e comunica das imagens, ilustrações, textos, músicas, mapas e atividades que ele encontra nos livros didáticos de modo geral, e aqui nesse caso, de modo particular o livro de História dos anos iniciais.

Nessa perspectiva, negar essa possibilidade é se furtar da capacidade de enxergar o livro didático pelo que ele é, um produto cultural que em muitos casos será o único livro que o(a) aluno(a) tem. Quando assumimos Junior (2019), como nossa principal referência, não queremos fazer um contraponto às suas ideias, mas extrair de seu trabalho um projeto adequado ao ensino de história, e isso independe da fonte histórica adotada pelo(a) professor(a), para nós, o que importa são as texturas, os significados, a criticidade e o protagonismo que podem dar e oferecer ao(a) aluno(a).

E é nesse cenário que assumimos a importância de conhecer melhor o que o polêmico recurso didático oferece ao(a) aluno(a)/professor(a), que lançamos luz em uma análise do

livro didático de História 5º ano do ensino fundamental, adotado em escolas da rede pública de Campina Grande entre os anos de 2019-2022. Nosso intuito é analisar se essa ferramenta didática contribui para a formação de sujeitos críticos.

Para execução desse trabalho, realizamos algumas leituras teóricas e tentamos conversar com os textos que serviram de apoio para a disciplina. Após as leituras, decidimos fazer a análise do livro didático, considerando os seguintes aspectos: identificar a teoria historiográfica que fundamentam o livro; avaliar a organização de fatos ou fenômenos e eventos associados a personagens "heróis"; identificar se o livro oportuniza a compreensão das relações entre o presente e o passado como o lugar onde emergem questões históricas; verificar os diálogos interdisciplinares com outros campos de conhecimento; observar a multiplicidade de fontes históricas escritas e não escritas; refletir como são trabalhados os conteúdos que abordam a temática cidadania para identificar se há relação com a vida dos(as) alunos(as), entre outros acontecimentos.

O livro de história em análise

O livro de História/5ºano, que serve como referência para esse trabalho, é um volume da Coleção Ápis, publicado pela Editora Ática. Assinam a autoria de publicação de 2017, Anna Maria Charlier e Maria Elena Simielli, para os anos 2019-2020-2021-2022. Para refletir a proposta metodológica adotados pelas autoras, dividiremos nossas considerações em dois momentos, o primeiro, sob a ótica mais geral discutiremos o livro como um todo tomando como referência aspectos gerais das quatro unidades, 1º Os povos e as Culturas; 2º Formação da Cidadania; 3º Cultura e Transmissão de Saberes; 4º Patrimônio, História e Memória. Em um segundo momento comentaremos o capítulo 4 “Lutar pela Cidadania”.

METODOLOGIA

O ponto de partida que tomamos nessa reflexão, é resultado de uma experiência realizada no componente Curricular Ensino De História - Ensino Fundamental, anos iniciais, no semestre 2022.2, do ano de 2022. Nessa perspectiva, a atividade proposta exigia que:

- a) Escolhêssemos um livro didático que estivesse sendo adotado naquele ano (2022), por alguma escola da rede pública de ensino do município de Campina Grande-PB;

- b) Discutiremos o seu projeto metodológico e suas concepções teóricas de educação e de ensino de história. Para critério de organização, e para ampliar uma reflexão mais fecunda sobre o tema, a professora responsável pela atividade, dividiu a turma em grupos, desse modo, cada grupo ficou na incumbência de fazer suas reflexões individuais tomando como referência os textos que foram expostos por ela (professora).

Evidentemente, importa-nos saber que estamos ou vamos lançar luz sob o livro do 5º ano, da Coleção Ápis - Editora Ática, usado na rede municipal de ensino em Campina Grande nos anos de 2019-2022, e nesse sentido, entender as dimensões que compreendem a natureza dessa experiência, faz essa contextualização um parêntese necessário para compreender todas as dimensões e os pressupostos que antecedem e norteiam esse trabalho.

O trabalho a seguir também estará ancorado nas discussões sobre o ver, ouvir e imaginar e fará um passeio panorâmico seguindo os aspectos que nos foi proposto pela professora do componente:

1. Identificar teorias historiográficas (Positivismo, Marxismo e Escola de Anallés) que norteiam o ensino de história na proposta desse livro didático.
2. Como o livro didático analisado apresenta textos, ilustrações, atividades, associado às culturas afro-brasileiras, indígenas e as pessoas com deficiências?
3. O que a obra considera: da vida cotidiana dos(as) alunos(as), da família, da cidade, da comunidade, do campo, do Estado, do trabalho e do meio cultural. Como os fatos e acontecimentos possibilitam a problematização do conteúdo, concatenados ao passado e ao presente?
4. Como o material aciona os conhecimentos prévios dos alunos(as), como ponto de partida para a construção de saberes históricos (saberes prévios-realidade-conteúdos)?
5. Como o livro trabalha fatos e acontecimentos ex: utiliza datas, relato/memorização, ou tem uma perspectiva crítica reflexiva, fazendo uso da imaginação, da experiência, do ver, do ouvir, da criatividade e sensibilidade? Existe espaço para a criatividade?
6. Espaço para a reflexão e interpretação crítica-reflexiva sobre o conteúdo, utiliza filme, música, site, charge, blog, notícias, fotografias, pinturas, objetos, relatos, charges, cartas, documentos escritos e não escritos.

7. Saberes históricos sobre: as mulheres, ribeirinhos, crianças, quilombolas, movimentos sociais, organizações populares, crianças com deficiência, pessoas pretas não escravizadas, diversidade etc.
8. Trato dado aos mapas e imagens e suas relações para o processo de ensino e aprendizagem dos saberes históricos.

Após essa análise geral do livro, a professora pediu para que escolhêssemos um dos capítulos para fazer a análise dos seguintes aspectos: Como a temática é trabalhada pelo autor? Que tipos de linguagens ou fontes documentais são utilizados? Que conceitos históricos são trabalhados no capítulo e como são abordados? Vocês adotariam esse livro? Justifique.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No tópico que segue esperamos descortinar uma reflexão pertinente no que se refere a proposta do livro didático *Ápis* em relação ao que esperamos para o ensino de história.

Primeira Parada: Teorias historiográficas identificadas no livro didático de Ensino de História - 5ª ano do Ensino Fundamental

Práticas humanas são sempre carregadas de intencionalidades, e isso é sabido, o livro didático não foge à regra, ele se ancora nas concepções de quem o escreve e “absorve, em maior ou menor medida as mudanças que ocorrem, [...], no debate acadêmico nacional, no mercado editorial, nos programas de pós-graduação” (AZEVEDO; STAMATTO 2010, p .719). Apesar de dizer respeito a uma posição política individual, espera-se que os conteúdos estimulem a criticidade, a formação cidadã consciente a sensibilidade, nessa perspectiva, chegamos a conclusão de que Charlier e Simielli (2017) funda seu trabalho tomando como referência as interpretações teóricas e historiográficas da Escola de Annales, essa inferência só pode ser feita depois que compreendemos:

- O vai e vem no tempo e no espaço que foi sendo delineado página a página e permitiu “[...] uma compreensão da totalidade do social em suas contradições, mudanças e permanências e, portanto, na sua historicidade” (AZEVEDO; STAMATTO 2010, p .719);
- A abrangência de temas históricos com estruturas sociais tais como: economia, política, cultura, religião;
- A não organização de fatos ou fenômenos concatenados a eventos e personagens "heróis";
- A percepção do presente como o lugar de onde também emergem as questões históricas;

- O diálogo interdisciplinar com a Geografia, Língua Portuguesa e o Ensino religioso e nesse sentido, evidenciamos a preocupação dos autores em apresentar diferentes credos, favorecendo a construção do respeito;
- A multiplicidade de fontes históricas escritas e não escritas, como: pinturas, fotografias, objetos, poesia, filmes, músicas e jornais. E para nós isso foi uma coisa positiva.

Segunda Parada: Culturas afro-brasileiras, indígenas e pessoas com necessidades especiais

O projeto didático e editorial de Charlier e Simielli (2017), está pautado na valorização e no respeito às diferenças, se posiciona contra injustiças sociais e históricas. Sob essa perspectiva às culturas afro-brasileira e indígenas são trabalhadas em três, das quatro unidades, apresentados a partir do uso das lendas, manchetes de jornal, músicas, obras de arte e fotos que evidenciam a formação dos primeiros povos, a diversidade cultural e religiosa e as violências históricas quando citam, por exemplo, a catequização dos povos indígenas e africanos que são sempre contextualizadas com os objetivos da unidade. A exemplo da Diversidade Religiosa.

Assim também aprendo



2. A tirinha mostra uma situação de tolerância, pois o pai explica à filha que respeita as crenças cristãs, diferentes da dele, que é budista.

1. É a incapacidade de aceitar e respeitar a religião de outras pessoas. O que significa a expressão **intolerância religiosa**?
2. Na sua opinião, a tirinha mostra uma situação de tolerância ou de intolerância? Justifique.
3. Em grupo, conversem sobre o que se pode fazer para não ter atitudes de intolerância religiosa. Ao final, elaborem juntos um cartaz com as principais ideias levantadas.

Na seção “Assim também aprendo p.36”, como mostra a imagem ao lado, o(a) aluno(a) irá compreender a partir da tirinha, princípios que evidenciam a tolerância e respeito às diferentes formas de crença. Nesse exemplo, o pai que é budista não acredita na ressurreição de Cristo, e

ainda sim, respeita a tradição da páscoa comprando ovos de chocolate para a filha, simplesmente por que ela gosta. Claro, que essa noção só será construída, mediante a explicação anterior realizada pelo(o) professor(a) sobre o que é intolerância. A tirinha cumpre muito bem um papel lúdico de extrair sentido ao se apropriar “de chocolates”, para anunciar uma mensagem, considerando que crianças em geral gostam de doces. A atividade proposta não faz do texto um repositório de mensagem, ela exige uma resposta do(a) aluno(a) que não é automática e a qual ele(a) não encontrará em sua leitura. Ao que parece, há uma preocupação com a reflexão crítica dos discentes, contribuindo para modificar sua visão de mundo.

Nessa mesma página, o livro menciona uma reportagem que serve de apoio para abrir a seção, expõe uma informação que evidencia queixas entre os anos 2011 e 2014 que violam os direitos humanos das pessoas que professam diferentes credos, em uma sociedade considerada laica. O livro não cita como acontecem essas violências, verbais ou física e ao final da reportagem a atividade sugerida solicita apenas que os(as) alunos(as) conversem sobre suas crenças e faz um lembrete de forma vaga sobre a importância do respeito às religiões, contudo, limita-se muito o sentimento de empatia e a sensibilidade.

Pesquise

Você sabia que o culto aos orixás é bastante presente na cultura brasileira? Isso acontece porque muitos africanos iorubas foram escravizados e trouxeram para o Brasil tradições, hábitos e crenças religiosas. Como você leu na página 33, os orixás foram criados por Olorum. Cada orixá está ligado a um fenômeno da natureza ou aspecto cotidiano da sociedade ioruba e são divinidades por causa dessas qualidades às quais estão ligados.



1. Com a ajuda do professor e de seus colegas, pesquise em livros, revistas ou sites informações sobre os principais orixás cultuados pelos povos iorubas.
2. Escolha um desses orixás e desenhe-o em uma folha avulsa.
3. Com seus colegas, monte um painel com o material pesquisado.

▶ CAPÍTULO 2 37

Na seção “Pesquise”, especificamente na página 37, (exemplo ao lado) o aluno(a) é convidado a aprofundar seus conhecimentos sobre a religiosidade afro-brasileira. Ainda neste mesmo capítulo, na seção “Tecendo Saberes, p. 32-33”, o livro traz um lugar de voz importante para e sobre a origem do mundo segundo o povo iorubá, considerando que é de domínio público essa origem para os cristãos. Essa pesquisa pode desmistificar tanto os preconceitos dirigidos às religiões de matrizes afro quanto aproximar os discentes da história dos povos africanos. Diferente do exemplo “Assim também aprendo, p. 36” que exige respostas sobre o que significa intolerância e a opinião do(a) aluno(a), o exemplo “Pesquise, p. 37” abre margem para uma discussão muito mais ampla sobre o assunto, mas não é uma

pesquisa obrigatória, fica a critério do professor(a).

Nos últimos anos, os direitos das pessoas com deficiência têm ganhado espaço no Brasil e em outros países do mundo. Garantir os direitos de cidadania também significa criar ferramentas que ajudem as pessoas com deficiência a frequentar escolas e participar dos espaços públicos das cidades.



▶ Criança com deficiência utilizando plataforma mecânica de acesso a ônibus na cidade do Rio de Janeiro, em 2016.

Troque ideias com seu professor e seus colegas:

- a) O que a escola precisa ter para garantir às pessoas com deficiência o direito de estudar e de ser bem recebidas nos espaços públicos?

Escreva sua resposta!

No que diz respeito a outras identidades culturais historicamente silenciadas, como a de Pessoas com Deficiência (PCD), o livro Ápis trabalha de modo superficial e genérica, resumindo o assunto em apenas em uma página. Diferente das identidades afro-brasileiras e dos povos originários, essas representações não são temas consolidados ao longo de todas as unidades, e em algumas situações funcionam como links de acesso e discussões coletivas, porém observamos que essas reflexões ficam a critério do(a)

professor(a), como no exemplo exposto ao lado da página 75.

3. Terceira Parada: História & Vida

O livro didático de Ensino de História do 5^a ano da coleção Ápis, não aciona de forma recorrente os conhecimentos prévios do(a) aluno(a), mas sempre que o faz abre espaços para que ele(a) possa se posicionar quanto às situações. Nesses momentos as autoras solicitam que eles(as) façam relações.

- Na abertura da primeira unidade, na qual discute-se a respeito dos povos e suas culturas, as autoras perguntam: “A ilustração representa um sítio arqueológico com pinturas feitas pelos seres humanos há muito tempo. Você já visitou ou leu sobre esses locais?” Analisando a forma que o livro trata o conteúdo lembramos do que nos diz Júnior: [...] “nossos(as) alunos(as) não viveram a história, mas precisam refletir sobre a história, passar pela experiência do imaginar, do sentir para construir sua própria História” (JUNIOR 2019, p. 179), faria mais sentido perguntar: “O que essas pinturas estão representando? ou “O que você acha que diz essas pinturas?”, “que tinta foi usada?”, perguntas que fizessem os(as) alunos(as) pensarem.
- Na abertura da unidade 4, a qual trabalha sobre patrimônio, história e memória, o livro traz questionamentos como: “Há algum patrimônio histórico em sua cidade? E em seu estado?” “Você já visitou algum patrimônio histórico?”

Perguntar ao(a) aluno(a) se há algum patrimônio histórico em sua cidade e se já visitou algum, é um ponto de partida significativo para que ele(a) possa usar sua história para se engajar em um assunto, na escola os(as) alunos(as) sempre tem algo a dizer, e segundo Junior (2019) é importante fazer com que a História faça sentido.

4. Quarta Parada: História & Imaginação

Do ponto de vista metodológico, Charlier e Simielli (2017), contextualiza os assuntos, organizando-os em uma relação intercambiante entre o presente, as marcas do passado, e o que pode vir a ser considerando o hoje, de um modo que os(as) alunos(as) consigam, em alguns momentos, refletir a história e tornar-se um cidadão participativo em seu espaço. Ainda que os espaços, para imaginar e ressignificar sentidos não sejam recorrentes, quando inseridos, permitem que os(as) alunos(as) elaborem suas versões de mundo, e faz desta um momentos ricos de significações.

No exemplo “Assim também aprendo, página 78”, é apresentado um diálogo através da tirinha entre o tigre Haroldo e o menino Calvin, na primeira atividade, espera-se que o(a) aluno(a) compreenda que o posicionamento político de Calvin é equivocado, pouco

Assim também aprendo

Você conhece o Calvin, personagem criado pelo cartunista **estadunidense** Bill Watterson? Leia a tirinha e converse sobre ela com seus colegas.

- **estadunidense**: que nasceu nos Estados Unidos da América.
- **alegar**: justificar, falar algo para se defender.
- **engenhoso**: criativo, inventivo, bem-feito.



WATTERSON, Bill. *O livro do décimo aniversário*. São Paulo: Conrad, 2013. p. 163.

- 3) Refaça a história em quadrinhos e crie um diálogo no qual o menino Calvin age como cidadão. **Resposta pessoal.**

--	--	--	--

UNIDADE 2

comprometido com o espaço onde vive e com a sua cidadania. Na segunda atividade, é evocado dos(as) alunos(as) o uso da imaginação para a escrita de uma história em quadrinhos, segundo Junior (2019, p. 78) “A leitura do documento, acompanhada do imaginar, produz o ver e o sentir, ativa as emoções e aflora a sensibilidade.” Quando é chamado para (re)interpretar a charge, espera-se que o(a) aluno(a) entenda o quão relevante é se posicionar no mundo e agir como um cidadão(ã) consciente. Essa questão traz uma reflexão profunda que vai além do sentimento de empatia, uma vez que permite compreender o que significam essas conquistas em

termos de direitos adquiridos, sobretudo para essa sociedade.

5. Quinta Parada: Fontes históricas escritas e não escritas

O livro em análise apresenta uma recorrência de fontes históricas, que podem ampliar consideravelmente a leitura espacial de mundo, o modo como vivem sua cidadania e situações históricas. Estão presentes as seguintes linguagens textuais: Charge, Quadrinhos, Músicas, Poesia, Cordel, Mapas, Lendas, Fotos, Obras de Arte e Artigos de Jornais, que vão delineando um passeio por todas as regiões e muitos estados brasileiros valorizando nossas diferenças, e evocam do estudante noções sobre: tempo, espaço, cultura, sociedade, relações de poder, sujeitos, transformações, permanências, passado, presente e sobre as perspectivas de futuro. Ao final de cada capítulo, há sugestões de livros e sites para se caso o(a) aluno(a) queira aprofundar sobre o assunto de cada unidade, como mostra a imagem ao lado da página 91.



Sugestões de...

Livros

A história das escravas. Isabel Lustosa, Companhia das Letrinhas.
Chico, um menino curioso que vive na cidade, vai passar na fazenda do avô. Nessa aventura, ele aprende o que foi o Brasil das escravizadas e quais são as consequências da escravidão no Brasil atual.

ABC afro-brasileiro. Carolina Cunha, Edições SM.
Que tal conhecer a influência dos Santo, Congo, Angola e outros grupos étnicos no Brasil atual?
O livro apresenta um panorama sobre nossa herança africana, presente em técnicas, saberes, religiões e nas festas populares brasileiras.

Para toda criança: os direitos da criança em palavras e imagens. Unicef, Alícia.
Por meio de belas ilustrações, o livro apresenta os principais direitos das crianças em nosso mundo.

A ONU declara. Beatriz Monteiro da Cunha, Evoluir Cultural.
Aprenda mais conhecimentos sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos lendo este livro, que traz os artigos comentados e ilustrados.

Site

História das mulheres. IBGE Teat. Disponível em: <<http://teatros.ibge.gov.br/temas/mulher/ibgeinternacional/index.html>>.

Este canal especial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresenta muitas informações sobre a história das mulheres no Brasil e sua participação na política ao longo do tempo.
Para acessar os conteúdos, basta clicar em "Índice". Acesso em: 24 Jun. 2017.

Para você refletir e conversar **Resposta pessoal.**

- De qual assunto você gostou mais nesta unidade?
- Você teve dificuldade para entender alguma atividade ou alguma explicação?
- Escolha a imagem de que você mais gostou nesta unidade. Corte aos colegas o motivo de sua escolha.

Sugestões de...

Livros

Aldeias, palavras e mundos indígenas. Valéria Mendonça Macedo, Cia das Letrinhas.

Bullying: não quero ir pra escola. João Pedro Ruz, Paulinas.

Vivemos juntos: os direitos e deveres na vida em sociedade. Edson Gabriel Garcia, FTD.

6. Sexta Parada: Diferenças

As famílias também mudaram nas últimas décadas. Hoje são formadas de várias maneiras, podendo ser chefiadas pela mãe e pelo pai juntos, só pela mãe, só pelo pai, por duas mães, por dois pais ou por outros adultos, parentes ou não.

A legislação brasileira reconhece que casais formados por pessoas do mesmo sexo também constituem uma família. E, desde 2011, eles têm os mesmos direitos de matrimônio que um casal formado por um homem e uma mulher.

A separação de casais, que era considerada um escândalo no passado, também passou a ser algo comum.

As pessoas também estão vivendo mais só. Segundo dados do IBGE, o número de pessoas que moram sozinhas no país vem aumentando nos últimos anos.

1 Observe as imagens e responda: você conhece outros arranjos familiares? Discuta com seus colegas e seu professor. *Resposta pessoal.*



2 Observe a imagem ao lado e, com seus colegas, troquem ideias sobre a participação da mulher no mercado de trabalho.

3 Você acha que homens e mulheres têm os mesmos direitos e deveres? Converse com seus colegas. *Resposta pessoal.*

4 Responda no caderno:

1) Quem trabalha para o sustento de sua família? *Resposta pessoal.*

2) Você conhece famílias chefiadas por avô ou avó? *Resposta pessoal.*



5 Observe e atualize na reprodução do Parque Olímpico.

As diferenças de um modo geral são abordadas no livro de forma superficial, no exemplo ao lado encontrado na página 118, o livro traz um texto que fala sobre a diversidade na constituição familiar, apesar de apresentar essa importante pauta, se resume em mostrar um texto curto e imagens demonstrando a diversidade de agrupamentos familiares, logo depois segue tratando acerca do reconhecimento da mulher como chefe de família, mas também de forma resumida. A pauta sobre a diversidade familiar consiste apenas em um texto e três imagens, ficando a critério do(a) professor(a) dar ênfase ao tema.

Quanto aos movimentos sociais, o livro não enfatiza de forma demasiada, não explora a gama de movimentos sociais que fizeram história na sociedade, menciona de forma superficial o movimento negro, a luta contra o racismo e nessa mesma linha de pensamento, faz uma passagem (de forma sucinta) sobre a luta dos operários e adentra neste tema trazendo fazendo um breve resumo sobre o trabalho infantil e a partir disso a criação dos sindicatos, como mostra no exemplo ao lado da página 86.

As fábricas brasileiras do início do século XX costumavam empregar crianças, às vezes em trabalhos perigosos, e elas recebiam salários ainda mais baixos que os dos adultos. Por causa disso, elas não podiam estudar e não tinham tempo para se divertir e brincar.

Situações como essa fizeram com que os operários se organizassem e lutassem por melhores condições de trabalho. Surgiram os primeiros **sindicatos** e também ocorreram as primeiras greves do país. A luta dos trabalhadores fez com que os governos brasileiros passassem a criar leis para impedir abusos e estabelecer os direitos e os deveres das empresas e dos trabalhadores.

Nas décadas de 1930 e 1940, diversas leis foram criadas para garantir direitos aos trabalhadores. Foi assim que surgiram o direito a férias, o limite máximo de trabalho diário e o salário mínimo. Além disso, o trabalho infantil também foi proibido e os trabalhadores conquistaram o direito de se aposentar.



1 Comício na praça da Sé durante a greve geral de São Paulo, estado de São Paulo, em 1917.

7. Sétima Parada: Representações Gráficas

As representações cartográficas são usadas de modo recorrente em todos os capítulos, sempre assumindo funções textuais, ao espacializar fenômenos articulando a compreensão do que está sendo dito com uma alfabetização cartográfica que o permitirá fazer suas leituras de mundo. Trabalhar com imagens, mapas, linhas do tempo traz uma reflexão sobre o tema abordado especificamente ao ensino de história, possibilita ao sujeito várias habilidades, como imaginar, observar, recriar, analisar, proporcionando a interpretação a partir do que se vê viabilizando uma reflexão subjetiva, além de uma construção de relação interdisciplinar em outros campos de conhecimento.

Análise do capítulo 4 - Unidade 2: Lutar pela Cidadania

Pensar a cidadania é uma reflexão importante para entendermos a sociedade, mas também para nos compreender enquanto sujeitos ativos na sociedade. Para Demo (2007, p.11) “Uma democracia de qualidade só é possível com uma população que sabe pensar. Saber pensar inclui, entre outros ingredientes, saber ler”, sob essa perspectiva, a cidadania é para nós a referência maior na leitura de mundo e na busca por uma sociedade mais justa

Para análise de um capítulo específico, escolhemos o capítulo 4 “Lutar pela Cidadania”, que é composto por linguagens textuais, obras de arte, artigos de jornal, quadrinhos, música, linha do tempo e fotos. Esse capítulo carrega um peso significativo para as crianças compreenderem o conteúdo, claro que ele não assume sozinho essa responsabilidade, mas ele usa como referências fontes históricas importantes e que podem descortinar um campo fértil nessa extração de sentidos (um exemplo disto é a tirinha de Calvin na página 78). Entre os temas abordados: trabalho infantil, direitos e deveres do cidadãos(ãs), da pessoa com deficiência e o direito de cidadania da mulher, paralelo a essas breves discussões, o(a) aluno(a) é levado a compreender a conquista dos direitos no Brasil, sem abrir espaços para glorificar velhos arquetipos de herói.

Ainda nesse capítulo, é abordado sobre a Revolução Francesa e a influência que teve para a criação de direitos e deveres dos cidadãos(ãs) e nesse mesmo sentido, é apresentado uma lista de direitos que os cidadãos(ãs) adquiriram através de movimentos sociais, em seguida há uma breve abordagem sobre os direitos das pessoas com deficiência, dos direitos da criança e dos adolescente, dos idosos, porém esses dois últimos temas são apresentados em apenas uma página do capítulo. Em seguida, é trazido o tema sobre a conquista dos direitos no Brasil, falando sobre a abolição mas com ênfase na história dos Quilombos e a resistência dos escravizados, apresentando as leis contra escravidão e o que cada uma determinava, - contudo identificamos que a forma de abordar esses conteúdo aparece de modo superficial. Ainda na discussão sobre as pessoas pretas e as conquistas, o livro também traz a questão do movimento negro que luta para defender a história e a cultura dos afro-brasileiros e fala um pouco sobre o racismo que ainda persite nos dias de hoje. Partindo da discussão sobre o escravo, o livro traz brevemente uma abordagem sobre o desemprego, a falta de condições para o trabalhador rural, finalizando com questões para os(as) alunos(as) responderam resumindo tudo o que foi estudado na unidade e no capítulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o percurso que fizemos até aqui, imaginamos que muitas dúvidas devem permear o leitor deste trabalho no que se refere ao nosso parecer final, seria o livro didático de História Ápis 5º ano, herói ou vilão? Muitas outras perguntas também poderiam ser feitas a partir dessa, inclusive nos questionando quanto ao uso de livros didáticos, cujas as respostas fogem do nosso objetivo, ou não nos compete julgamentos, sobretudo por partilhamos do princípio que do quadro de giz ao Datashow, passando pelo livro didático, o que precisa ser considerada, são as construções que os(as) alunos(as) podem fazer. Uma aula pode ser fantástica com apenas um “giz” e uma caneta, como também pode ser um fracasso mesmo valendo-se de um recurso tecnológico. Ancoradas nessa perspectiva, insistimos na ideia de que o livro didático, caracteriza-se como um recurso que media o processo de ensino e aprendizagem, mas isso não significa dizer que o(a) professor(a) deve se amarrar a ele como tábua de salvação, como também não significa dizer que ele (o livro) não é importante para o processo de aprendizagem, sobretudo considerando também que é ele um “produto cultural”, e em muitos casos, o único veículo nessa relação que o aluno(a) faz ao usá-lo fora da sala para ler o mundo.

Algumas outras questões gerais e polêmicas, que envolvem o livro didático no cenário atual, devem ser consideradas sob uma ótica que (re)signifique o seu valor e em contextos de aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Voltando ao questionamento inicial, acreditamos que já perdemos muito tempo queimando livros, tal como é para Demo (2007, p.23), “Ler pode ser um ato incendiário”, mesmo que para nós isso signifique ler o livro didático.

Por tudo o que foi dito, e até o não dito nesse trabalho ou na roda de conversa que fizemos em sala, nós recomendamos o uso do livro didático de História Ápis para o 5º ano, pelo menos a proposta aprovada pelo PNLD para os anos de 2019, 2020, 2021 e 2022.

O livro didático há muito tempo vive sob ataque carregando a pecha de problemático, e parece-nos que hoje nem está mais em voga defendê-lo, quem dirá considerá-lo um recurso possível no processo de ensino aprendizagem, como se já tivéssemos superado um velho paradigma, paradigma esse nocivo, e agora tá tudo bem, considerando todas os recursos, por essa perspectiva falta entendimento para reconhecê-lo dentro dessa política sólida a qual se ancora, mas falta também sensibilidade para aproveitar suas possibilidades, e na verdade ele só é um problema quando passa a ser a via de mão única, se nós temos um conteúdo que não é bom, ainda existe a possibilidade de trazer uma fonte nova, dividir a turma e refletir: “o que

diz essa fonte”, “o que diz essa outra fonte”, e a partir disso construir um meio termo, se ao final o(a) aluno(a) não ficar curioso de imediato, pelo menos gerou a desconfiança de que ele precisará reconstruir essas informações. Por agora, esperamos que nosso trabalho traga contribuições para superarmos visões reducionistas sobre o uso do livro didático em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ÁPIS: História. SIMIELLI, Maria Elena; CHARLIER, Anna Maria. Projeto Ápis: história - 5º ano. Maria Elena Simielli, Anna Maria Charlier. 3. ed. – São Paulo: Ática, 2017.

AZEVEDO, C. B.; STAMATTO, M. I. S. Teoria historiográfica e prática pedagógica: as correntes de pensamento que influenciaram o ensino de história no Brasil. *Antíteses*, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 703–728, 2011. DOI: 10.5433/1984-3356.2010v3n6p703. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/4571>. Acesso em: 28 set. 2023.

DEMO, P.. **Leitores para sempre**. 2.ed. Porto Alegre : Mediação, 2006.

SOARES JÚNIOR, A. dos S. Ensino de história e sensibilidade: o ver, o ouvir e o imaginar nas aulas de **História**. *História & Ensino*, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 167–190, 2019. DOI: 10.5433/2238-3018.2019v25n2p167. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/32579>. Acesso em: 28 set. 2023.